

IMAGEM E PODER: A FABRICAÇÃO DE LUÍS XIV E D. PEDRO II

Cristiane Aparecida Rodrigues¹, Mariana Luana Martins², Lidiane Hott de Fúcio Borges³, Amanda Dutra Hot⁴, Germano Moreira Campos⁵.

¹ Discente de História na Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu (FACIG).

1997cris19@gmail.com

² Discente de História na Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu (FACIG).

marianabw1997@gmail.com

³ Mestre em Engenharia e Ciência dos Materiais, Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu.

lidiane.hott@yahoo.com.br

⁴ Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto.

amanda_duhot@yahoo.com.br

⁵ Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto.

germcampcos@yahoo.com.br

Resumo - O presente trabalho visa mostrar a importância da construção da imagem pública de reis modernos, tomando como foco Luís XIV (da França) e Dom Pedro II (do Brasil). Para isso nos debruçaremos sobre as estratégias utilizadas por eles para a manutenção de seu poder. A realeza moderna pode ser caracterizada como tendo um caráter teatral, compondo uma dimensão simbólica do poder político. Com isso observa-se através dos rituais e da representação presentes na mesma que há uma mística que envolve a figura do monarca, esta que impressiona e ao mesmo tempo abala seu público-alvo, por ser tamanho o poder que demonstra, que acaba por transcender a sociedade de seu tempo, chegando até os dias atuais, e corroborando para a tão sonhada imortalidade do Príncipe, por meio de sua imagem e a bagagem trazida por ela.

Palavras-chave: Reis modernos; Marketing político; Imagem; Poder; Monarquia.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

1. INTRODUÇÃO

Ao adentrarmos o período histórico conhecido como Modernidade algo que muito chama a atenção daqueles que se debruçam sobre esse recorte histórico é a questão da realeza moderna, e de como a mesma pode ser definida como tendo um caráter teatral, compondo uma dimensão simbólica do poder político. Todo o glamour, a ostentação e a abundante divulgação da imagem do Príncipe não eram coisas realizadas de forma automática, e sim com um objetivo: criar uma memória do monarca que jamais morreria, e mais além, esse teatro criado pelo Príncipe e sua corte era uma estratégia para a manutenção dos mesmos no poder. Ao dissertar a cerca do ritual realizado pelas monarquias modernas, Schwarcz (1998) afirma que é por meio desses rituais que os reis multiplicavam sua imagem, estendiam seus poder e impunham sua representação. Assim o fizeram reis como Luís XIV (da França) e D. Pedro II (do Brasil).

Partindo da premissa de que na monarquia moderna um rei não nasce, mas é fabricado, a exemplo do célebre Peter Burke (1994), que ao retratar a construção de Luís XIV, afirma que o mesmo era senhor de um ritual cujo controle era impecável, que transformava seu exercício diário numa grande dramatização, equilibrando-se no poder por meio da concessão alargada e programada de títulos, medalhas e privilégios, ou mesmo Da Matta (1990), que descrevendo o nascimento de D. Pedro II (à época chamado de D. Pedro de Alcântara) alega que o futuro imperador não havia nascido, mas sido fundado, transformado em patrimônio nacional, objetiva-se com o presente trabalho analisar as formas de construção simbólica da figura pública dos reis modernos, tendo como foco de análise, em particular, as figuras dos monarcas citados anteriormente.

O presente trabalho apresentará os monarcas modernos como os inventores do marketing político, para que partindo desse ponto possamos responder a questão central aqui exposta: qual a influência da mídia na manutenção de uma monarquia e quais as estratégias empreendidas pela corte para a divulgação da imagem pública do Príncipe? Para responder essas questões teremos como base de sustentação o que autores especialistas no tema afirmaram.

2. METODOLOGIA

Através de pesquisas bibliográficas de abordagem qualitativa e descritiva, ou seja, da leitura, interpretação e análise crítica de obras de estudiosos reconhecidos, tem-se aqui como objetivo principal, analisar as formas de construção das imagens públicas de Luís XIV e de Dom Pedro II, estes que são exemplos de como a realeza moderna é a inventora do marketing político e de como esta se utilizou de estratégias para a divulgação de seus monarcas, de forma a criar uma memória do Príncipe e assim torná-los imortais. Com este intuito, parte-se então, da análise que Peter Burke faz sobre o rei da França, Luís XIV, também conhecido como o Rei Sol. O historiador procura o “mito” que envolve o rei, privilegiando a imagem em detrimento do homem. Diversos eram os profissionais que envolviam o soberano, de historiadores a artistas e escultores, todos, com o objetivo de tornar seu Rei um exemplo, um símbolo público de glória e poder.

Além de abordar um pouco da construção do Rei Sol, o presente trabalho analisará a construção da imagem pública do primeiro imperador nascido em solo brasileiro: Dom Pedro II, que fora objeto de ensaio interpretativo de Lília Schwarcz. A historiadora em sua obra aponta tanto a importância da “fabricação” da imagem pública do imperador como também a perpetuação de uma memória sobre o mesmo. Através de um misto entre biografia e interpretação de imagens busca-se observar a força e o poder que a imagem pública do imperador brasileiro exercia, e que muitos desconheciam.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. A FABRICAÇÃO DO REI: REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM PÚBLICA DE UM MONARCA MODERNO

“O rei está nu! O rei está nu!!” - começou a gritar o povo. E o rei ouvindo, fez um trejeito, pois sabia que aquelas palavras eram a expressão da verdade, mas pensou: “O desfile tem que continuar!!” E, assim, continuou mais impassível que nunca e os camaristas continuaram, segurando a sua cauda invisível.

Hans Christian Andersen, *A roupa nova do rei* (1837)

O trecho acima faz parte de um conto escrito no século XIX, mas que é bem conhecido até os dias atuais. Pode-se muito bem utilizá-lo para uma reflexão no que diz respeito a aspectos que definem a realeza moderna: seu caráter teatral, a dimensão simbólica do poder político. Segundo Schwarcz (2000) não existe sistema político que abra mão do aparato cênico, que se conforma tal qual uma grande representação. Logo, pode-se perceber que de todos os sistemas políticos, a monarquia é, provavelmente, onde se concentra, de maneira mais formalizada e evidente, o uso de símbolos e rituais como alicerce do poder. VESTES, objetos, a ostentação e os rituais próprios da monarquia são parte essencial desse regime, e constituem a representação pública do Príncipe, garantindo, no limite, sua eficácia.

Elaborada tal qual um grande teatro, um teatro do Estado, a atuação do rei se transforma em performance, os seus trajes viram fantasia. Na verdade, esculpida de maneira cuidadosa, a figura do rei corresponde aos quesitos estéticos necessários à construção da “coisa pública”. Homem público, caracterizado pela ausência de espaços privados de convivência, o rei estará presente em todos os lugares, será cantado em verso e prosa, retratado nos afrescos e alegorias, recriado nas estátuas e tapeçarias como um Deus, ou, no mínimo, como o ser mais próximo Dele. Senhor de um ritual cujo controle é por princípio impecável, o monarca transforma seu exercício diário numa grande dramatização, equilibrando-se no poder por meio da concessão alargada e programada de títulos, medalhas e privilégios. Dádivas que carregam a imagem do líder, esses rituais de consagração da monarquia acabam ajudando a cultuar e a estender a própria personalidade do rei, que dessa forma paira muito acima de seus súditos. Esse ritual transforma o rei em um ícone, uma imagem mestra, que, como representação, jamais morrerá.

Ao observar o ritual suntuoso da monarquia percebe-se o quanto é evidente como a propaganda e a política mantiveram sempre relações de profunda e estreita afinidade. Em *A fabricação do rei*, Peter Burke (1994) constata como Luis XIV, o Rei-Sol, transformou-se quase que em um emblema da monarquia absoluta europeia, de tão marcada pelo luxo e por demonstrações de riqueza. Não é a toa que Peter Burke (1994) considera os monarcas modernos como os inventores do marketing político. Aqui, a propaganda surge como uma estratégia, um meio de assegurar a submissão ou o assentimento ao poder real. Com Luís XIV a glória, a vitória, o prestígio e a grandeza transformaram-se em imagens suficientemente fortes para garantir a estabilidade do reino e imaginar sua permanência futura. No Brasil a monarquia também investiu em sua afirmação ritual e teatral.

Para Schwarcz (1998) títulos, cortejos, procissões, manuais de civilidade, pinturas, história e poesia fizeram parte da construção desse processo que por meio da memória e da monumentalidade procurava ganhar espaços na representação nacional. A ampla iconografia de D. Pedro II associava o imperador a ideia de justiça, ordem, paz e equilíbrio, construindo e perpetuando assim uma memória nacional, em que o Brasil começava uma nova história, a sua própria história, desprendida de Portugal, e onde o monarca era o símbolo-mor desse Estado.

Partindo da premissa de que na monarquia moderna o Rei não nasce, mas é fabricado, os próximos tópicos irão dar ênfase a construção da imagem pública do rei Luís XIV e do imperador D. Pedro II, procurando demonstrar a importância da mídia nesse processo de fabricação e divulgação, as estratégias utilizadas e comprovar o porquê desses monarcas, e suas respectivas cortes, serem considerados os inventores do marketing político.

3.2. LUÍS XIV – A FABRICAÇÃO DE UM REI PARA SEU TEMPO

Os objetivos com que manipulavam os demais eram obviamente escolhidos a partir do repertório oferecido pela cultura de seu tempo.

Peter Burke, *A fabricação do Rei*

Figura 1- Luís entronizado



Fonte: TESTELIN, Henri, 1668.

Figura 2- Luís XIV a cavalo



Fonte: HOUASSE, René-Antoine, 1674.

Como foi afirmado por Peter Burke (1994), Luís XIV foi um rei que utilizou de materiais notáveis na sociedade, como elementos culturais, por exemplo, para a construção de sua imagem. A ‘mídia’ francesa, nesse intuito, não utilizou apenas de fatos do presente, mas buscaram no passado, elementos que auxiliassem nessa construção da imagem pública de seu monarca. Tal feito permitiu que a imagem de Luís XIV, construída conscientemente, perdurasse por 72 anos à frente de uma sociedade, e mais, foi um trabalho tão bem feito que mesmo nos dias atuais, ao se mencionar o Rei Sol, o imaginário toma conta das pessoas, e se tem como referência a imagem construída do Rei, e não quem ele era de fato.

O fato de um reinado ter sido tão longo (1643-1715) deu-se, sobretudo, graça as estratégias criadas, de forma que a imagem do rei não foi apenas divulgada e propagada, mas que esta foi também absorvida pela sociedade, lhe conferindo assim estabilidade em seu reinado, como aponta Peter Burke (1994) Luís era uma criação de seu tempo para o seu tempo.

A princípio é necessário se atentar que há no momento do nascimento de Luís XIV uma preocupação muito grande com a continuação do reinado de seu pai, que mesmo com uma idade avançada, conseguiu ter o tão cogitado príncipe herdeiro.

Assim sendo, sua construção como futuro imperador é realizada antes mesmo de sua chegada ao mundo. Seu nascimento foi relatado como um acontecimento divino. Luis era tido como um presente doado por Deus para governar o povo, logo, seu reinado é moldado como uma força divina: “o trono de Vossa Majestade representa para nós o trono do Deus vivo” (BURKE, 1994, p. 53).

A fabricação de Luís XIV passou por duas grandes engrenagens principais: a face do rei endeusada e a face do rei homem, sendo que o que se passa para o povo é a primeira, já a segunda é colocada apenas como existente, mas não visível. Assim no cenário em que a imagem de Luís é criada há uma ligação muito forte com o divino, sendo embebida pela magia e pela mística de tamanha grandiosidade, levando o povo a serem dóceis em relação a seu soberano, afinal, ele é o representante do Deus vivo neste local para governar seu povo.

No caso de Luís XIV houve várias formas de moldar sua imagem fazendo com que ele fosse a imagem real de toda pompa, beleza, grandiosidade e poder ao seu redor, por assim ser, buscou-se construir a imagem do rei próximo a de grandes figuras como O Bom pastor, Apolo, Alexandre o Grande, entre outros, como também a sua própria imagem com o uso de perucas e de sapatos de salto para conferir-lhe alguns centímetros a mais de altura, pois o Rei era de baixa estatura e o que o imaginário precisa é de um rei alto e forte, que mostrasse imponência e o poder que detinha, até

porque sua representação pública era de extrema importância.

Alguns traços além da peruca e dos sapatos de salto faziam desta máquina uma construção completa visto que sua imponência era disseminada pelas estátuas em todo o reino, sempre em um cavalo alado pisoteando algum símbolo que representasse o mal. Além dos relatos escritos e das pinturas de inúmeras guerras em que o rei estava presente, número este de guerras que de tão grande se é perceptível que sua imagem e presença foi apenas simbólica, como na Academia de Letras, além de seu palácio de Versalhes e os arcos do triunfo. Sua preocupação com sua existência além de sua vida como forma de demonstrar sua condição acima dos homens e ao lado de Deus, posição esta que é evidenciada fielmente pela prática do toque real, onde através do toque o rei tinha o poder de curar as mais variadas enfermidades de seu povo. Segundo Marc Bloch (1993) essa crença de que os reis (principalmente da Inglaterra e França) tinham um dom sobrenatural, um dom de cura, é uma crença bem antiga, sendo que na França, esse rito remonta ao século XI.

A criação do marketing de Luís XIV sobre o olhar de Peter Burke vinha também como forma de amenizar as tensões do povo em relação à política, através dos grandes festejos realizados, cujo objetivo era fazer com que a população “dormisse” (BURKE, 1994).

Essa imagem tão bem modelada era uma forma de ensinar aos novos integrantes de seu povo que, ao ficarem impressionados com uma estátua ou pintura, lhe era contado os grandes feitos do rei, construindo assim uma história, uma memória que passasse de geração em geração, tornando o poder real ainda mais forte, visto que esse se disseminava e reafirmava-se por si só.

Nada mais eminente e claro do que os meios de persuasão fazendo com que a todo momento a imagem do rei fosse louvada dos mais variados modos, conferindo-lhe um poder absoluto, tornando digno o codinome que Luís XIV recebeu: o de o Rei Sol.

Figura 3- Luís XIV como o Rei Sol



Fonte: Bibliothèque Nationale, 1654.

Figura 4- Triunfo de Luís XIV



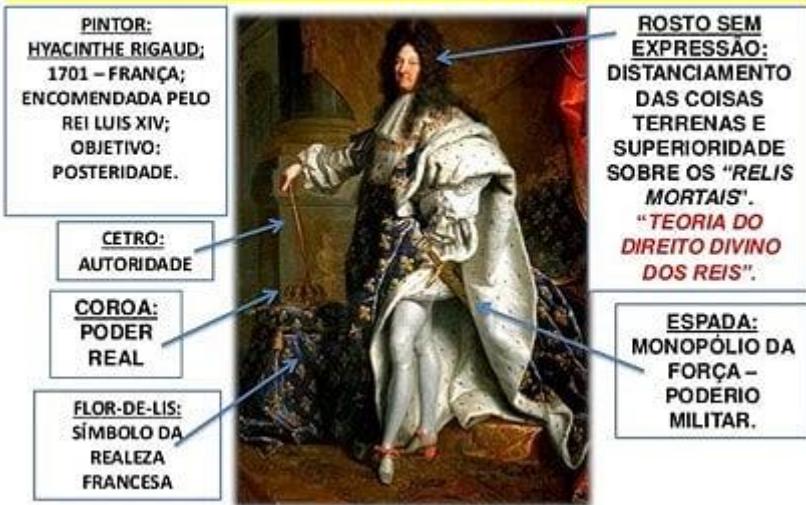
Fonte: WERNER, Joseph, 1664.

Os meios com que se manipulavam a opinião pública é constante e maleável, ao ponto de poder perceber-se que ao longo da vida de Luís XIV o modo de sua representação é recriado, a fim de manter seu poderio e não permitir que sua imagem fosse tida como algo do passado, correndo o temido risco do esquecimento. Concordado com Peter Burke (1994) ao afirmar que nem tudo é persuasão, mas sim uma forma de demonstrar poder e glória, pois havia um medo muito grande do Rei ser esquecido, havia a preocupação com a posteridade, que era de grande importância.

Assim a imagem que perdurou por 72 anos se configurou uma verdadeira fábrica, pautada na representação, em que esta se encontra de acordo com o que diz Marx quando alude que a ideologia é representada por um vasto número de representações a serviço de uma máquina de dominação em que a “falsa consciência é uma desqualificação cognitiva produzida por forças estruturais” (Marx apud ROUANET, 1989, p.144), construída através do olhar de poucos homens sustentando assim a tese de Valdezia Pereira (2006) de que nem todos que olham, veem. Como também o fato de que a falsa consciência faz com que se repliquem pensamentos que foram realmente pensados e articulados por uma minoria. Esta é a grande novidade que começa a ser utilizada e que com o tempo vai sendo aprimorada, para o domínio social.

Figura 5- Análise do “Retrato de Luís XIV”

PINTURA HISTÓRICA: EXALTAR OU CELEBRAR UM EPISÓDIO OU PERSONAGEM HISTÓRICO.



Fonte: RODARTE, Loyane, 2016.

3.3. D. PEDRO II – UM MONARCA CONSTRUÍDO NOS TRÓPICOS

Terminada a leitura os Peri – que não sabem onde fica exatamente o Brasil – calam-se, sem saber o que dizer. Mas ambos estão abalados, seus rostos não demonstram mais a hostilidade do início; qualquer rei, seja o rei dos pigmeus ou o rei dos índios antropófagos, tem uma aura e um poder que impressionam.

Rubem Fonseca, *O selvagem da ópera*

O trecho acima reafirma o que muitos sentem ao observar a figura de um rei: que este possui certa áurea mágica, um poder que atrai e intimida as pessoas. Não importa de que lugar ou povo este seja, um rei, sempre impressiona a quem o vê. O soberano é uma figura destacada em sua representação e é, normalmente, definido por seu "corpo duplo", como afirmou Peter Burke (1994). O primeiro deles é mortal e, assim sendo, assemelha-se ao de todos os seus súditos, passando por tristezas, vícios e alegrias, coisas comuns à humanidade. O segundo é sagrado, e representa o corpo divino do rei, aquele que se separa dos demais - o que não morre jamais. Assim, pode-se notar os usos políticos desse segundo corpo, que é construído pelo monarca e sua corte, sendo repleto de simbolismos, e cujo intuito é compor um teatro, uma encenação, construir uma memória que fique gravada para sempre na história, e principalmente, sendo uma estratégia para manter-se no poder.

Pierre Bourdieu (2007) caracteriza essa façanha dos reis modernos como sendo o poder simbólico. Para o autor este é um poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força física ou econômica, além do fato de que o poder simbólico é uma forma irreconhecível e legitimada. Isso faz com que esse poder seja muito mais poderoso, e a monarquia moderna sabendo do efeito que causam, passa a utilizá-lo cada vez mais.

No Brasil Império não foi diferente. Aqui, após a independência e principalmente com o nascimento do primeiro herdeiro ao trono nascido em solo brasileiro, a monarquia investiu muito em sua afirmação ritual e teatral. O futuro imperador do Brasil, Pedro de Alcântara, nasceu em dois de dezembro de 1825. Já em seu nascimento a monarquia brasileira buscava envolvê-lo em mística: dizia-se que tanto seu pai D. Pedro I como sua mãe Dona Leopoldina "imploraram aos céus" por um filho varão, uma vez que o casal já havia tido quatro filhas. Logo, quando o varão chegou, o consideraram uma "concepção divina". Havia grandes expectativas quanto ao Príncipe, este que descendia de muitas figuras ilustres - tanto por parte de pai como da mãe -, e que garantiria a integridade territorial do império. Buscou-se já em sua data de nascimento conferir-lhe poder, uma vez que o Jornal Spectador Brasileiro, escrito pelo jornalista Pedro Plancher publicou o seguinte trecho: "a anarquia morreu na França no dia 2 de dezembro; a coroa de Carlos Magno vingou nesse dia os atrozes insultos feitos aos netos de Henrique IV. O céu sabe o que faz". Peter Burke (1994) afirmou que não se faz "propaganda" só no presente, vai-se ao passado buscar matéria para o presente. Ou seja, para construir a imagem pública do Príncipe, buscaram-se na data de seu aniversário fatos históricos importantes, atestando assim, que o menino veio ao mundo para

consolidar a independência da nação brasileira.

Muitos foram os títulos, cortejos, procissões, pinturas e outros adereços utilizados para afirmar o poder de D. Pedro II. A Coleção Teresa Cristina Maria, deixada pelo imperador no Brasil após este ser banido do país, possui mais de vinte mil fotos, retratos, óleos, xilogravuras e litografias, todas produzidas com o intuito de construir uma memória nacional. Há mais de seiscentos retratos de D. Pedro II, e ao observá-las percebe-se não apenas o crescimento cronológico do personagem, mas momentos diversos de sua construção como o símbolo do Estado. Partindo da observação de algumas das imagens do imperador, Schwarcz (1998) percebe que há poucas imagens retratando D. Pedro II em sua infância, e a mais conhecida mostra o futuro imperador sentado ao lado de um vistoso tambor. No entanto, a cena oficial já se impõe a representação familiar e pessoal, uma vez que na imagem podem ser observados os emblemas da monarquia, que se encontra em toda a parte: no tambor, no jaleco do menino, mesmo a cor verde do paletó do imperador indica a marca heráldica de seus pais.

Figura 6- O menino D. Pedro no Paço



Fonte: PALLIERI, A. J., 1830.

Com o período regencial começou-se a ficção de um menino de seis anos que permanecia no Brasil após a ida de seu pai para a Europa e que ficaria sob a orientação de dirigentes e tutores. Biografias tradicionais descrevem a partida de D. Pedro I envolta em um clima de grande emoção, além de destacarem frases de efeito de D. Amélia, segunda esposa de D. Pedro I, que entre lagrimas pedia “as mães brasileiras que cuidassem de seu pequeno, assim como zelavam por seus próprios filhos”. O Príncipe então passou a ser reconhecido como o “pupilo da nação”. Com a partida de D. Pedro I para Portugal, passou-se a focar na figura do herdeiro ao trono brasileiro. O jovem passou a ser aclamado nos jornais como sendo o consolidador da independência do Brasil, aquele que iria se voltar para os interesses da pátria. As imagens divulgadas de Pedro de Alcântara eram sempre as oficiais, representando um menino que não se separava da nação. Que era rei a todo momento, com um cenário montado em tempo integral num teatro previsível (SCHWARCZ, 1998).

Figura 7- D. Pedro aos 12 anos



Fonte: TAUNAY, F. E., 1837.

Figura 8- D. Pedro aos 14 anos



Fonte: SANTOS, Graciliano, 1839.

A monarquia brasileira representava D. Pedro II como tendo um porte impassível, cautela nas palavras, caráter enigmático e pouco suscetível. Mesmo o imperador tendo assumido o poder com quatorze anos, nas imagens o mesmo era sempre moldado como sendo mais velho. Sobre o golpe da maioridade e o impacto da mesma na construção da imagem pública do imperador, é dito que:

Unindo a autoridade da qual se via ungido a metáfora poderosa de Luís XIV, o brilhante Rei Sol, o pequeno monarca tornava-se grande a frente de seus súditos, tanto quanto a peça que se montava. O imperador iniciava sua vida cívica envolto de um suntoso teatro, o da sua precoce maturidade. As roupas de adulto, os gestos maduros, as lições avançadas, a fama de filósofo, tudo contribuía para fazer do monarca um personagem excepcional, estranho a si mesmo. (SCHWARCZ, 1998, p. 71).

Figura 9- Coroação de D. Pedro II



Fonte: MOREAUX, F. R, 1842.

O ritual de sagradação e coroação de D. Pedro II, em 1841, foi o marco de uma nova história cívica e nacional. Nesse espetáculo duas dimensões, segundo Schwarcz (1998) se manifestaram: o caráter estratégico imposto pelas elites, e o lado sacro e maravilhoso que envolve a coroação dos reis. Para o evento não houve poupança de gastos. Obras foram realizadas e utilizou-se de materiais nobres (madeiras, tecidos, tintas, ferragens, vidros) e de profissionais destacados (pintores, fogueteiros, costureiras, artistas consagrados e aprendizes). Sobre a reação de quem viu toda essa cena, SCHWARCZ (1998) relata:

A riqueza das insígnias e o rigor do ritual de sagradação do jovem monarca encheram os olhos, deslumbraram o público, encantado diante de um espetáculo tão grandioso. Com efeito, a coroação e a sagradação representaram um momento central para a afirmação de um passado real, uma tradição imperial que até parecia consolidada e próspera. Esqueça-se a idade do soberano, o apressado na realização do ritual e o caráter postício da encenação. (p. 84).

Com isso, poucos notaram ou deram importância ao menino atrapalhado com os detalhes de sua vestimenta, que era um tanto grande, ou a coroa que era pesada ou mesmo ao cetro grande. O que viam ali era a consolidação de um governo realmente brasileiro, um rei que agora daria real atenção aos assuntos nacionais.

O período que abrange de 1841 a 1864 foi uma fase importante para a consolidação da monarquia brasileira. Nesse período D. Pedro II é apenas uma representação de si, que cumpre de forma ritual, pomposa e elaborada uma agenda oficial feita para apresentá-lo apenas em momentos destacados. A iconografia dessa fase é a representação ‘a europeia’, onde nos retratos o imperador está mais velho. Se não fossem os adereços próprios da Casa Imperial Brasileira, D. Pedro II poderia ser confundido com um monarca europeu. Esse período é marcado por dar destaque as barbas do imperador, estas que, devido a pouca idade do imperador, demoraram a crescer, causando inquietação a muitos.

Figura 10- Retrato de Dom Pedro II quando jovem



Fonte: MAFRA, 1851.

Para a construção da imagem pública de D. Pedro II também ocorreu a tropicalização do monarca. Este era caracterizado com ramos de café e tabaco ao seu redor, em sua roupa, etc. O imperador era cercado de alegorias. Às vezes era coroado como um César em meio a coqueiros e com um livro na mão. Tudo isso feito com o intuito de tornar o imperador um símbolo de nacionalidade.

Figura 11- D. Pedro em trajes militares



Fonte: MEIRELLES, Victor, 1860.

Figura 12- D. Pedro: Abertura da Assembleia Geral



Fonte: FIGUEIREDO E MELO, 1872.

O Reinado de D. Pedro II durou 49 anos (1840-1889) e através das imagens produzidas

nesse período, pode-se observar tanto o crescimento cronológico do imperador, como também momentos diversos de sua construção como o símbolo do Estado Brasileiro. Um desses momentos, que teve grande impacto na construção da imagem pública de D. Pedro, foi a Guerra do Paraguai. Nesse conflito, um dos poucos que o Brasil teve de fato participação, o imperador brasileiro, com o apoio da Inglaterra, formou a Tríplice Aliança (composto por Brasil, Argentina e Uruguai) e enfrentou o Paraguai. Essa guerra teve como causa o fato de o ditador paraguaio, Francisco Solano Lopes, ter como objetivo principal aumentar o território de seu país, obtendo uma saída para o Oceano Atlântico, o que resultou na tomada da província de Mato Grosso. O conflito armado durou de 1864 a 1879 e como consequência o Paraguai saiu da Guerra derrotado e arruinado, enquanto o Brasil, segundo Ramos (2004) saiu fortalecido em seu aspecto bélico, contudo, também teve sua dívida externa aumentada. Quando a Guerra do Paraguai eclodiu foi divulgado a imagem de D. Pedro II como um verdadeiro patriota, um herói. Chamavam o imperador de "o Rei da Guerra", "o voluntário número 1".

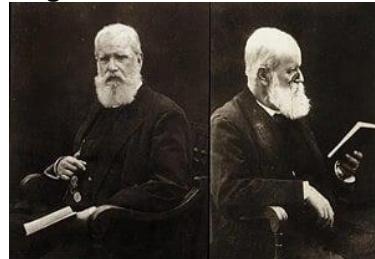
Após a Guerra do Paraguai houve uma mudança da construção da imagem do imperador brasileiro. Mesmo sua indumentária foi trocada. Das roupas magníficas que caracterizavam a realeza, o monarca passou a usar casaca e cartola, se confundindo assim, com seus súditos e com os políticos que o cercavam. Os trajes reais eram mantidos, porém, eram apenas utilizados em datas solenes, como em aberturas do Congresso e falas do Trono. Nas demais ocasiões, o imperador se apresentaria como um "monarca moderno", ou como definiu Schwarcz (1998), como um "monarca cidadão". Nas imagens divulgadas, D. Pedro II passa a ser caracterizado usando traje de pequena gala, cercado de símbolos de erudição, entre muitos livros, globos e penas de escrever. A elite brasileira buscava assim, construir uma imagem pública do monarca como sendo este um "cidadão do mundo", que representava para sua Nação segurança e serenidade.

Figura 13- D. Pedro II Imperador do Brasil



Fonte: PACHECO, Joaquim, 1886.

Figura 14- D. Pedro no exílio



Fonte: WALERY, Lucien, 1887.

A representação de D. Pedro II foi tão bem construída que se tornou maior que a própria pessoa. Mesmo após seu exílio, imagens continuavam a ser divulgadas acerca do mesmo, e com sua morte, em 5 de dezembro de 1891, D. Pedro ganhou mais espaço ainda na imaginação popular. A propósito, acerca de sua morte certas observações se fazem necessárias. O ex-imperador do Brasil falecera sem abdicar de seu cargo, logo, deixara a princesa Isabel como sucessora legal ao trono. Em seu atestado de óbito constava como causa da morte uma pneumonia aguda do lado esquerdo. Em sua morte, assim como em toda a sua vida, os símbolos ganharam destaque. O monarca recebeu o tratamento e as honras de um chefe de Estado, sendo enterrado como o imperador brasileiro. Vestiram-no imperialmente, o condecoraram com elementos nacionais - colocaram junto a ele no caixão um pouco de terra brasileira, a Ordem do Cruzeiro do Sul (que representa o céu do Brasil), ramos de fumo e de café -, colocaram debaixo de sua cabeça um livro, de forma a mantê-la elevada uma última vez, e passaram uma pequena quantidade de cola em sua barba, esta que tantas vezes fora comentada, de forma a deixá-la mais lisa e dura sobre o peito do monarca.

Morria o homem, contudo, um mito nasceria. Imagens póstumas do imperador, ora mais novo, ora mais velho, representavam-no como um modelo de segurança e civilidade. Em artigos de jornais dos mais variados locais, conforme demonstra Schwarcz (1998) D. Pedro era visto como um herói civilizado, que fora injustiçado por seu povo. No Brasil, havia até certo sentimento de remorso perante o ocorrido. Um rei dominante na imaginação popular, muito diferente daquele que fora deposto, "o ex-

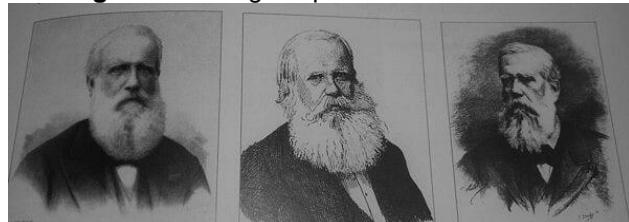
imperador era cada vez mais glorificado por suas virtudes e esquecido em seus defeitos". (SCHWARCZ, 1998, p. 496).

Figura 15- D. Pedro II no leito de morte



Fonte: NADAR, Félix, 1891.

Figura 16- Imagens póstumas de d. Pedro



Fonte: SCHWARCZ, 1998, p. 491.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deve-se considerar em primeiro momento, que se havia tanto para Dom Pedro II quanto para Luís XIV, uma necessidade muito grande de um meio de persuasão que os reconhecessem como objetos imprescindíveis para suas respectivas sociedades. Precisava-se de um motivo extremamente forte que evidenciasse o porquê deles estarem no trono, e mais ainda, que o próprio povo legitimasse o poder do soberano. Logo, seguindo a ótica de que não existe sistema político que abra mão do aparato cênico, que se configura como um verdadeiro teatro, uma grande representação, e que a monarquia é o modelo político onde essa realidade é mais evidenciada, observa-se que no reinado de ambos os reis, o ritual teve forte relevância para a efetivação de seu poder. A "mídia" da época, que era formada pelos mais diferentes tipos de profissionais, dentre eles artistas, artesãos, alfaiates, escultores, cientistas, poetas, escritores e historiadores, utilizou-se de diversas estratégias, procurando até mesmo no passado matéria para a construção de seu Rei.

Assim, utilizando-se de um verdadeiro teatro, as publicidades dos reis conseguem manter seu poder político estável por um grande período, produzindo a partir da construção de suas imagens, suas representações e rituais, um misto entre encantamento e temor, onde o povo vê a figura do Rei como sendo alguém imponente, forte e protetor, garantindo assim a manutenção do poder real.

Uma das estratégias utilizadas, a imagem esculpida, equilibra o poder por meio da forma mística, fabricada pela classe dominante, que confere ao monarca uma áurea mágica, certo poder divino, que garante sua permanência no trono e no imaginário popular. Por meio da fabricação do Rei não se tem como objetivo apenas o período ao qual se está inserido o soberano e sua sociedade, mas se tem a preocupação com o sol da posteridade, que não se apaga jamais.

5. REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Hans Christian. **A roupa nova do rei**. Disponível em <<https://docente.ifrn.edu.br/alexandremedeiros/Filosofia%20I/texto-complementar-a-roupa-nova-do-rei>>. Acesso em: 10 out. 2018.

BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BURKE, Peter. **A Fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luis XIV**. Zahar: Rio de Janeiro, 1994.

DA MATTIA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

FIGUEIREDO E MELO, Pedro Américo de. **D. Pedro na abertura da Assembleia Geral**. Disponível em: <<http://imperiobrazil.blogspot.com/2012/01/dom-pedro-ii-parte-i-em-montagem.html>>. Acesso em: 27 set. 2018.

FONSECA, Rubem. **O selvagem da ópera**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HOUASSE, Rene-Antoine. **Luís XIV a cavalo**. Disponível em: <<https://www.alamy.pt/foto-imagem-retrato-do-rei-luis-xiv-da-franca-1638-1715-a-cavalo-rene-antoine-houasse-oleo-sobre-tela-1674-142339223.html>>. Acesso em: 08 de out. 2018.

Luís XIV como o Rei Sol. Disponível em: <<http://www.bnf.fr/fr/acc/x.accueil.html>>. Acesso em: 10 out. 2018.

MAFRA, João Maximiliano. **Retrato de Dom Pedro II quando jovem**. Disponível em: <https://cs.m.wikipedia.org/wiki/Soubor:Jo%C3%A3o_Maximiano_Mafra_-_Retrato_de_Dom_Pedro_II_-_1851.jpg>. Acesso em: 28 set. 2018.

MEIRELLES, Victor. **D. Pedro em trajes militares**. Disponível em: <<http://emevitormeirelles.pbworks.com/w/page/38960810/Algumas%20obras%20de%20V%C3%ADtor%20Meirelles>>. Acesso em: 28 set. 2018.

MOREAUX, François René. **Coroação de D. Pedro II**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/noticias/cultura/2009/11/imperio/obra-de-1824-retrata-o-ato-de-coronacao-de-d-pedro-ii/view>>. Acesso em: 27 set. 2018.

NADAR, Félix. **D. Pedro II no leito de morte**. Disponível em: <<https://i.pinimg.com/originals/b4/30/05/b43005458d6578ef02d13f42bcf63a15.jpg>>. Acesso em: 29 set. 2018.

PACHECO, Joaquim. **Dom Pedro II, imperador do Brasil**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/img/revistas/sant/v4n2/2238-3875-sant-04-02-0391-gf12.jpg>>. Acesso em: 29 set. 2018.

PALLIERI, Armand Julien. **O menino d. Pedro no Paço**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/promonarquia/photos/a.1515099415393310/1682870218616228/?type=1&theater>>. Acesso em: 25 set. 2018.

PEREIRA, Valdezia. **Imagem e poder**. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.

RAMOS, J. E. M. **Guerra do Paraguai**. Disponível em: <<https://www.suapesquisa.com/historia/guerradoparaguai/>>. Acesso em: 16 out. 2018.

RODARTE, Loyane. **Análise do “Retrato de Luís XIV”**. Disponível em: <<http://historiaegeografialoyane.blogspot.com/2016/06/pintura-de-luis-xiv-rei-da-franca-e-de.html>>. Acesso em: 12 out. 2018.

ROUANET, Sergio Paulo. O olhar iluminista. In NOVAES, Adauto. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SANTOS, Graciliano Leopoldino dos. **D. Pedro aos 14 anos**. Disponível em: <<http://imperiobrazil.blogspot.com/2012/01/dom-pedro-ii-parte-i-em-montagem.html>>. Acesso em: 26 set. 2018.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. A fabricação do rei. A construção da imagem pública de Luis XIV. **Rev. Antropol.**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 257-261, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012000000100010>. Acesso em: 05 out. 2018.

_____. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TAUNAY, Félix Émile. **D. Pedro aos 12 anos.** Disponível em: <<https://abnnews.com.br/com-a-maioridade-de-d-pedro-ii-o-prestigio-da-monarquia-salvou-o-brasil/>>. Acesso em: 26 set. 2018.

TESTELIN, Henri. **Luís entronizado.** Disponível em: <<http://lohnhoff.blogspot.com/2012/05/>>. Acesso em: 08 out. 2018.

WALERY, Lucien. **D. Pedro no exílio,** Disponível em: <https://scontent-ort2-1.cdninstagram.com/vp/3e3e906680dc84edc9f0218d02780c0d/5C4C883A/t51.2885-15/e35/c161.0.757.757/s480x480/42787143_1975928205822667_8857181003086659663_n.jpg>. Acesso em: 29 set. 2018.

WERNER, Joseph. **Triunfo de Luís XIV.** Disponível em: <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/o-retrato-do-absolutismo-monarquico/luis-xiv_joseph-werner/>. Acesso em: 11 out. 2018.